



15 de outubro de 2021

## **POR UM DIA DOS PROFESSORES REALMENTE DE LUTA!**

[www.pormassas.org](http://www.pormassas.org) -- [fb.com/massas.por](https://fb.com/massas.por) -- [anchor.fm/por-massas](https://anchor.fm/por-massas)

# **A LUTA DOS PROFESSORES TAMBÉM É DE TODOS OS OPRIMIDOS**

No dia do Professor, o governo de Eduardo Leite dá uma verdadeira escarrada na cara dos trabalhadores na Educação, ao oferecer os ridículos R\$ 0,85 do reajuste relativos ao vale refeição.

Enquanto isso, partidos outrora governistas que dirigem o sindicato vivem a bradar, aos quatro ventos, que precisamos voltar aos tempos áureos da educação gaúcha. No entanto, estes anos de ouro nunca existiram; há pelo menos três décadas, as escolas públicas se mantêm com recursos cada vez menores, cada vez mais caindo aos pedaços, e com evasão (ou mesmo superlotação) das salas de aula. Faltando tudo, desde cadeiras aos rolos de papel higiênico.

O governo de Eduardo Leite (PSDB) chegou até a ser apoiado pelos sindicalistas do CPERS, por ser “menos pior” do que o governador anterior, Ivo Sartori (MDB). Os anos mostraram que isso é completamente falso, porque Leite é claramente contrário ao reajuste de 31,3% do piso salarial dos professores, que já é, por si só, uma reivindicação mínima e extremamente rebaixada, que não recupera o poder de compra dos professores da década anterior; isto, ao menos, a direção do sindicato reconhece – mas não pretende mudar as suas reivindicações, se abstendo sempre de exigir a recomposição.

A realidade é que, tanto os governos do PT, como o de Tarso Genro; quanto os do PDT, como o de Alceu Collares; muito menos os do PSDB, como o de Yeda, resolveram de fato os problemas dos professores. Suas promessas de campanha, sempre se apoiando nesta categoria, pelo seu histórico poder de mobilização no Rio Grande do Sul, terminam no primeiro dia em que chegam ao Palácio Piratini. O governo tido como mais comprometido com a educação, de Olívio Dutra, no máximo, enviou dinheiro para as escolas públicas sem compromisso com a utilização deste. A verdade é que nenhum dos governos burgueses pode resolver os problemas dos professores, bem como da classe operária ou dos camponeses. Nem no nível estadual, nem nacional ou mundial.

O problema do sindicato dos professores do Rio Grande do Sul perdura há décadas, e passa por diferentes direções, isto é, o de sempre confiar nos governos, e não na luta dos trabalhadores que compõem a base do seu sindicato. Já são 7 anos sem reajuste, e isto não é por causa da categoria, que sempre lutou. Esta é a verdade que precisa ser dita com força, para que todos possam ouvir.

Se os professores sofrem com os baixos salários, não estão sozinhos nessa. Se as condições de trabalho são precárias aqui,

o mesmo ocorre em todo o país. Se os professores estão temerosos de voltar às salas de aula, por conta da possibilidade de contaminação, uma grande parte dos assalariados jamais esteve em isolamento social, e a maior parte já voltou ao trabalho. Isto, os que ainda mantêm seus empregos. Para piorar, em muitos estados e municípios, está em andamento uma segunda reforma da Previdência, que onera ainda mais os salários. E boa parte do funcionalismo está com seus empregos ameaçados, em função da provável reforma administrativa, que está para ser votada no Congresso Nacional.

Assim, a defesa do reajuste salarial, de melhores condições de trabalho e a defesa da Saúde dos trabalhadores da Educação não pode ficar restrita à categoria. A inflação corrói os salários dos assalariados em geral, o desemprego e a fome esmagam famílias inteiras, a Pandemia ainda mata mais de 400 por dia, os despejos jogam milhares de famílias nas ruas. As reivindicações dos professores de garantia salarial e manutenção do emprego fazem parte das demandas mais gerais dos trabalhadores brasileiros, que precisam colocar a classe operária na cabeça dos movimentos. É necessária a unidade dos professores com o funcionalismo, do funcionalismo com o conjunto dos trabalhadores, e dos trabalhadores com os explorados e oprimidos em geral. Por isso, apoiamos as reivindicações, que devem ser defendidas com os métodos da luta de classes, com organização independente (a partir das assembleias presenciais), e com a defesa da unidade na luta geral contra a burguesia e seus governos, e não com a conciliação de classes da direção do sindicato (CPERS), uma política derrotista que há décadas não conquista nada.

***Por um dia dos professores realmente  
de luta! Não um chamado corporativo e  
com reivindicações conciliatórias!  
Que o sindicato se coloque a favor de  
as centrais organizarem uma Carta  
de Reivindicações que unifiquem  
nacionalmente as lutas por salários,  
empregos, saúde, educação e moradia, a  
ser defendida com a convocação de um  
dia Nacional de Lutas, com paralisações  
e bloqueios, para preparar a Greve Geral!***